

Jornalismo e meio ambiente - imagens a partir de notícias jornalísticas sob a ótica dos estudos decoloniais e do direito a olhar¹

Marina Moreira²

Rosana Maria Ribeiro Borges³

Universidade Federal de Goiás - UFG

Resumo

O artigo avalia imagens utilizadas em notícias sobre meio ambiente publicadas pelo g1 (portal de notícias da Globo) e pela Agência Brasil (agência pública de notícias). A análise das imagens foi feita levando-se em conta a ideia de repensar a Comunicação, em especial as imagens, como campo de conhecimento, formação e prática profissional. Durante a análise foi constatado que uma das imagens estudadas se aproxima da noção decolonial de pensar formas de produção mais críticas à questão ambiental, principalmente quando o assunto é desmatamento. O percurso escolhido para realizar esse estudo de imagens contou com a colaboração da Teoria da Contravisualidade e do direito a olhar, dos estudos decoloniais e do trabalho do geógrafo brasileiro Adriano Liziero, caminhos possíveis de serem percorridos por meio do olhar crítico às imagens sobre meio ambiente utilizadas pelo jornalismo.

Palavra-chave: Jornalismo; meio ambiente; imagens; direito a olhar.

Introdução

Elaborar e transmitir conteúdos sobre meio ambiente é um exercício que necessita mostrar todos os lados possíveis do assunto. Na análise feita neste trabalho, foi realizada a observação de imagens utilizadas em duas notícias sobre meio ambiente por dois jornais digitais, sendo eles: g1 (portal de notícias da Globo) e pela Agência Brasil (agência pública de notícias). Foi analisado como as imagens sobre degradação ambiental presentes nas notícias poderiam ter sido elaboradas de forma mais crítica em razão do conteúdo transmitido. Muitos jornais adotam um padrão de imagens sobre meio ambiente a serem publicizadas, padrão esse que mostra apenas um lado de um assunto que poderia ser explorado e exibido com mais amplitude e de diversas formas. É o caso dos jornais digitais quando abordam assuntos relativos ao meio ambiente, de forma mais específica, sobre degradação ambiental no domínio territorial do Cerrado.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: marinamoreira@discente.ufg.br

³ Pós-doutora em Comunicação e Cultura, Doutora em Geografia, Mestre em Educação Brasileira e Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Radialismo. Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: rosana_borges@ufg.br

Desmatamentos, incêndios e queimadas estão entre os principais problemas ambientais da contemporaneidade, sendo que, muitas vezes, esses possuem vínculos com os setores produtivos da economia, tal como o agronegócio. Como instituições que noticiam o mundo e os seus eventos, os veículos de jornalismo tendem a alertar e mostrar, por meio de imagens, os impactos ambientais ocasionados por ações humanas e institucionais. Todavia, em um plano geral, o que preliminarmente se observa é que existe uma certa padronização no modo como as imagens sobre o meio ambiente são difundidas pelos veículos jornalísticos, com uma tendência que, ao aproximar do sensacionalismo, diminui as possibilidades de leituras mais profundas e, conseqüentemente, limitam a produção de sentidos.

A pergunta norteadora deste trabalho surgiu a partir do cruzamento de observações de imagens sobre meio ambiente com a Teoria da Contravisualidade e do direito de olhar, dos estudos decoloniais e do trabalho do geógrafo brasileiro Adriano Liziero. Olhando, especialmente, esse processo de estudo de imagens, questiona-se como seria possível identificar se os jornais digitais estão utilizando, da forma que deveriam, imagens de maneira correta e precisa nas notícias sobre o desmatamento ambiental? Assim, o objetivo deste artigo foi avaliar as imagens utilizadas pelos jornais digitais sob a ótica dos estudos decoloniais, o que acaba por dialogar com a ideia de repensar a Comunicação, em especial as imagens, como campo de conhecimento, formação e prática profissional. O objeto empírico da pesquisa foi composto por imagens presentes nas notícias e as que foram utilizadas por Adriano Liziero em seu trabalho como geógrafo e documentarista de meio ambiente.

As problemáticas do jornalismo atual/colonial

Em geral, o jornalismo transmite informações sobre meio ambiente de forma restrita e fragmentada, salvo algumas exceções como o jornalismo independente. Essa forma de exibição de conteúdos limitados e fragmentados comumente é marcada por vieses mercadológicos e reforçadores de hegemonias dominantes, donde advém a síntese de Borges (2013) que os veículos de jornalismo ligados à chamada grande imprensa acabam por difundir pensamentos dispersos sobre os territórios e os seus acontecimentos, como é o caso do Cerrado. Estudos apontam que a imprensa raramente se preocupa em produzir notícias e narrativas sobre meio ambiente e, na maioria das vezes, produz em função de acontecimentos

importantes ou catástrofes/tragédias ambientais. (Girardi *et al.*, 2018). Muito se diz sobre uma das principais prioridades do jornalismo que é informar e que esse é o seu maior valor para a sociedade. Nesse sentido:

O Jornalismo Ambiental deve incorporar uma visão inter e multidisciplinar, que extrapola os limites dos cadernos e das editorias, porque a fragmentação imposta pelo sistema de produção jornalística fragiliza a cobertura de temas ambientais. O jornalismo ambiental anseia por um conceito que extrapole o do jornalismo científico tradicional (comprometido com uma parcela significativa da comunidade científica que tem privilegiado a continuidade das suas pesquisas, sem contextualizar as suas repercussões)... (Bueno, 2007, p. 33-44)

Estudos apontam que a imprensa busca tratar questões ambientais em poucas ocasiões, sumariamente, quando ocorrem catástrofes/tragédias ambientais (Girardi *et al.*, 2018). O jornalismo dominante no Brasil possui traços que limitam sua identidade e que podem comprometer suas atividades, por não elaborar conteúdos precisos sobre desastres ambientais, pois o inciso 1 do 2º artigo do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (Fenaj, 2007) diz que a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independente de sua natureza jurídica.

Assim, faz-se importante a colaboração dos estudos decoloniais responsáveis por reconhecer as práticas, experiências e processos que atravessam os países latino-americanos e que podem elaborar conhecimentos e propor visibilidade a partir das realidades vividas pelos indivíduos de seus próprios territórios, sem a intervenção de olhares dominantes e colonizadores (Amaral, 2021). Nessa ótica da decolonialidade, foi feito um recorte de notícias sobre meio ambiente a partir das imagens que as mesmas apresentam. As duas notícias possuem informações semelhantes sobre um desmatamento que ocorreu na Chapada dos Veadeiros, parque goiano que faz parte do domínio territorial do Cerrado.

Em busca do direito de olhar

A metodologia adotada para esse estudo foi composta por abordagem qualitativa, levantamento bibliográfico, pesquisa e análise documental. A abordagem qualitativa, nessa pesquisa, parte do entendimento que a observação, enquanto procedimento de pesquisa qualitativa, resulta na atividade de um pesquisador que observa situações e comportamentos

pelos quais se interessa (Chapoulie, 1984). Trata-se, ainda, de uma análise qualitativa, uma vez que são realizadas anotações para descrever e compreender uma situação, mais do que números para enumerar as frequências de comportamentos (Angers, 1992).

Já a pesquisa bibliográfica consiste no levantamento e leitura de livros, artigos e trabalhos acadêmicos para construir a revisão da literatura sobre jornalismo e meio ambiente, análise de imagens e da teoria adotada para o estudo em questão.

Para a análise das notícias e imagens selecionadas para observação, foi realizada uma pesquisa documental, com base em fontes de origem secundária, uma vez que foi feita uma busca ativa nos arquivos do site do g1 (portal de notícias da Globo) e da Agência Brasil (agência pública de notícias). De acordo com Sônia Moreira (2011, p. 271), a “análise documental compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim”.

Foi realizada a observação das imagens utilizadas por cada notícia. Tal observação é apoiada pelos estudos e contribuições da Teoria das Contravisualidades desenvolvida por Nicholas Mirzoeff (2016).

A primeira notícia estudada foi publicada no site do g1, no dia 10 de outubro de 2024, que diz respeito ao avanço dos incêndios na Chapada dos Veadeiros e que os mesmos são alvo de investigação pela Polícia Federal. De acordo com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), a área desmatada equivale a 10,4 mil hectares dentro do parque, além do fogo também ter consumido 10,1 hectares fora da reserva. O incêndio teve início no dia 25 de setembro de 2024 e 60 brigadistas juntamente com voluntários atuaram no combate às chamas. O restante da notícia traz um resumo do histórico do parque e o quão ele é um atrativo turístico dos brasileiros. Há um certo limite em apontar os possíveis causadores das queimadas que atingiram o local, conforme indica a imagem que se segue.

Figura 1 - Incêndio no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, em Goiás



Fonte: Divulgação/ICMBio

A notícia da Agência Brasil foi publicada no dia 08 de setembro de 2024 e já anunciava o desmatamento no local, mas com os dados de acordo com a situação presente. Ou seja, o incêndio ainda não tinha tomado grandes proporções igual ao que foi informado pelo g1, até porque as duas notícias transmitem quase que o mesmo fato, mas em momentos diferentes. O assunto diz respeito à queima de 10 mil hectares do Parque da Chapada dos Veadeiros. A notícia inicia ao informar o local específico que foi atingido pelas chamas. Em seguida, a chefia do parque informou que não sabia quem teria provocado as queimadas, o que sinaliza que o incêndio pode ter sido criminoso.

Figura 2 - Incêndio entre o Paralelo 1 e a Cachoeira Simão Correia, na Chapada dos Veadeiros - GO



Fonte: CBMGO/DIVULGAÇÃO (Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás)

Ainda de acordo com a notícia, formaram-se grupos e articulações de combate ao desmatamento na região e a fala de uma fonte é destacada ao criticar a gestão municipal pelo ocorrido. A notícia é encerrada por meio da atualização dos focos de incêndios no parque.

Olhar as imagens em uma perspectiva decolonial

A observação das imagens destacadas sobre o desmatamento no Cerrado goiano é feita com base em estudos relativos ao jornalismo ambiental. Nota-se que muitos pesquisadores da área constataam a ausência de criticidade dos jornais na produção e transmissão de conteúdos sobre o meio ambiente, de forma mais específica, sobre o desmatamento e degradação ambiental. Informar o público é um dos principais objetivos do jornalismo, mas é urgente a necessidade de problematizar a informação que será transmitida e quais elementos que classificam uma informação de qualidade (Reginato, 2020). Um dos principais fundamentos

do pensamento decolonial é a liberdade de desenvolver e ter acesso a conteúdos livres da visão de mundo europeia (Amaral, 2021). Isso sugere uma análise específica e fomenta outra proposta epistemológica da forma de pensar e de ser enquanto prática de discurso que não seja pelo viés dominante da modernidade (Mignolo, 2014).

Uma vez que o jornalismo hegemônico não busca produzir, em uma perspectiva decolonial, informações relevantes e de importância para o meio ambiente, esse modo de transmitir notícias também afeta as imagens que nelas são incluídas.

Considero que não é suficiente afirmar que “informar” é papel do jornalismo, mas sim que o jornalismo deve informar de modo qualificado. O conceito de informar, por si só, não tem dado conta de demarcar essas distinções existentes ou de indicar que por vezes há uma naturalização do processo de transmissão da notícia, como se pudesse ser um espelho da realidade. Discordo da concepção de informar como processo finalístico porque “os jornalistas não são meramente fornecedores de fatos” e seu papel não pode ser reduzido e substituído por outros sistemas sociais. (Reginato, 2020, p. 3)

Com o interesse de pensar imagens que dialoguem com a real situação das crises climáticas que já ocorreram e seguem em curso é que torna-se essencial descolonizar a forma com que o jornalismo hegemônico produz e reproduz imagens sobre isso. Nessa perspectiva, a autonomia do direito de produzir imagens e sentidos está limitada ao jornalismo dominante, o que pode prejudicar a percepção dos receptores sobre a dimensão de um determinado problema ambiental. No caso das imagens destacadas acima, o problema seria os incêndios que atingiram o parque. Uma tentativa de produzir e usar imagens como instrumentos de denúncia e com relevância para o tema ambiental pode ser aplicada a partir da Contravisualidade e do direito a olhar por uma outra dimensão que não seja a dominante. Esse direito não relaciona-se apenas a uma questão de visão (Mirzoeff, 2016), mas de ter acesso a um olhar mais crítico e próximo da realidade.

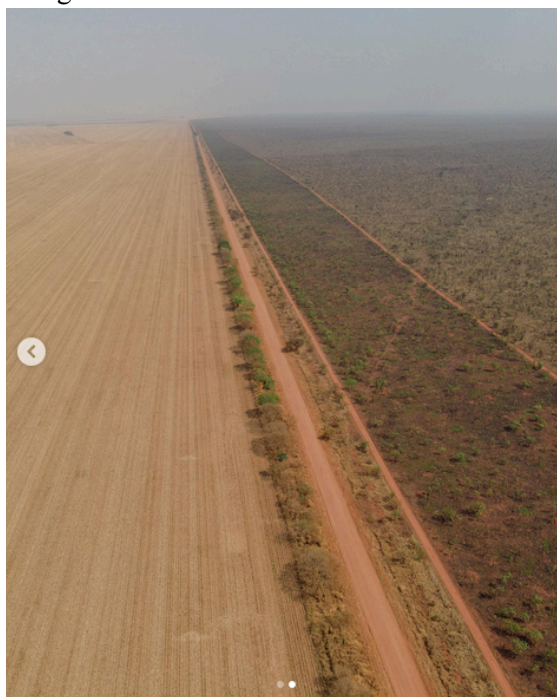
O direito de olhar é, portanto, “uma recusa a permitir que a autoridade suture sua interpretação do sensível para fins de dominação, primeiro como lei e, em seguida, como estética” (ibid., p. 749). Com isso, o entrelaçamento temporal-imagético proposto se vincula ao “direito de olhar” na medida em que abre a quem observa uma outra possibilidade de interpretação que foge a uma classificação pré-moldada, tendo como horizonte a percepção dos olhares das pessoas representadas. (Vídica; Dias; Cruz, 2020, p. 94 -117)

Nesse contexto, cabe destacar o trabalho do geógrafo pela USP, Adriano Liziero, que se dedica a registrar paisagens a partir do alto, ou seja, elaboração de imagens por meio do auxílio de satélites. Em seu projeto denominado Geopanoramas, Adriano seleciona imagens de satélites para mostrar o impacto que as ações humanas provocam nas paisagens naturais. Ele parte da percepção que as imagens captadas do alto proporcionam que as pessoas vejam o mundo de uma forma diferente e vai contra a prática colonial do jornalismo habitual de retratar os problemas ambientais. Em 2021, o geógrafo publicou em sua página do instagram duas imagens de uma mesma região, mas registradas de diferentes perspectivas. Elas promovem o direito de olhar (Mirzoeff, 2016), de forma mais crítica, a influência do agronegócio na degradação ambiental. Tais imagens mostram a dimensão do impacto que a monocultura causa no Cerrado goiano, especificamente no Parque Nacional das Emas:

Imagens 3 e 4 -Duas perspectivas de registro do impacto da monocultura no Parque Nacional das Emas, cerrado goiano



Fonte: Imagem orbital: Google e Maxar Technologies



Fonte: Fotografia: Entre Parques

Considerações finais

Ao considerar os parâmetros da Contravisualidade e do direito de olhar, de Nicholas Mirzoeff, conclui-se que a imagem utilizada pela Agência Brasil é a que mais se aproxima da noção decolonial de pensar formas mais críticas e reveladoras da questão ambiental pelos jornais, principalmente quando o assunto é desmatamento. Tal imagem dialoga com os princípios de produção de imagem defendida pelo geógrafo Adriano Liziero por ter sido um registro aéreo, portanto, permitiu que o problema fosse visto mais próximo de seu impacto real. Tomar conhecimento da gravidade das mudanças climáticas é essencial, começando pelos meios de comunicação que possuem a função de divulgar o que é de interesse público e, não há algo de maior interesse à população do que saber, de forma aprofundada, os problemas que podem afetá-la e atingir o seu bioma. É essencial mudar o modo com que imagens sobre degradação ambiental são transmitidas pelos jornais e um possível caminho para essa mudança é iluminado pelas ideias de Nicholas Mirzoeff e Adriano Liziero de que as imagens são capazes de ir contra um sistema colonial e propor formas mais críticas de ver o mundo.

Referências

AMARAL, Muriel. **Notas sobre o pensamento decolonial e os estudos da comunicação**. São Paulo: Extraprensa, 2021. Artigo. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/356547884_Notas_sobre_o_pensamento_decolonial_e_os_estudos_da_comunicacao. Acesso em: 05 jun. 2025.

BORGES, Rosana Maria Ribeiro. **Pensamentos dispersos, hegemonias concentradoras**: discursos jornalísticos e movimentos de territorialização no Cerrado. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

BRASIL, agência. **Incêndio queima 10 mil hectares do Parque da Chapada dos Veadeiros**, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-09/incendio-queima-10-mil-hectares-do-parque-da-chapada-dos-veadeiros>. Acesso em: 01 jun. 2025.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito**. In: Environmental Journalism: besides the concept, 2007, n. 15.

BRASIL. **Exportações de milho e soja pelo Arco Norte crescem mais de 50% com investimentos em infraestrutura multimodal**, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/conab/pt-br/assuntos/noticias/exportacoes-de-milho-e-soja-pelo-arco-norte-cresce-m-mais-de-50-com-investimentos-em-infraestrutura-multimodal>. Acesso em: 09 jun. 2025.

FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**, 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf> > . Acesso em: 02 de jun. 2025. Acesso em: 06 jun. 2025.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho et. al. **Jornalismo Ambiental teoria e prática**. Porto Alegre: Metamorfose, 2018, p. 29.

POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa- enfoques epistemológicos e metodológicos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

g1. **Incêndios na Chapada dos Veadeiros destroem mais de 20 mil hectares e são alvo de investigação da Polícia Federal**, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/noticia/2024/10/01/incendios-na-chapada-dos-veadeiros-destroem-mais-de-20-mil-hectares-e-sao-alvo-de-investigacao-da-policia-federal.ghtml> Acesso em: 01 jun. 2025.

Instagram, 2021.

https://www.instagram.com/p/CXzLLaWv63O/?img_index=1&igsh=MWRncXNraGRmdHJ0aA%3D%3D. LIZIERO, Adriano (@geopanoramas)

MIGNOLO, Walter. Introducción. In: CHUKWUDI, Eze; HENRY, Paget; CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MIGNOLO, Walter. **El color de la razón: racismo epistemológico y razón imperial**. 2. ed. Buenos Aires: Del Signo, 2014. p. 9-18.

MIRZOEFF, N. **O direito de olhar**. Revista Educação, Campinas, v. 18, n.4, 2016.

MOREIRA, Sônia. **Análise documental como método e técnica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.) São Paulo: Atlas, 2011.

MS.GOV.BR. **Parque Nacional das Emas**, 2025. (última atualização: jun. 2025). Disponível em: <https://www.costarica.ms.gov.br/portal/turismo/0/9/6/parque-nacional-das-emas>. Acesso em: 13 jun. 2025.

REGINATO, Gisele. **Informar de modo qualificado: a finalidade central do jornalismo nas sociedades democráticas**. In: Estudos em Jornalismo e Mídia, 2019, v. 17, n. 01.

VIDICA, A. R.; DIAS, L. de O.; CRUZ, J. L. M. **Ações e pensamentos de imagens da classe trabalhadora: Dos [fechamentos] às aberturas. Policromias** – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 94-117, maio/ago. 2020.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Faesa – Vitória – ES
De 11 a 16/08/2025 (etapa remota) e 01 a 05/09/2025 (etapa presencial)
